

O triplo movimento de Yeats - Nacionalismo e o sujeito-povo no conto “Jamie Freel e a moça”

João Pedro Garcia Diniz Spinelli¹

1. Introdução

William Butler Yeats (1865-1939) é um dos autores que participou da definição da literatura moderna em língua inglesa, sendo responsável pela criação de um dos maiores teatros nacionais do mundo, e segundo Oliver St. John Gogarty, foi indispensável para a criação do Estado livre irlandês (HOLDEMAN, 2006, p.3). Além disso, Yeats foi um dos encabeçadores da renascença irlandesa, uma revitalização da literatura do país no início do século XX que transformou profundamente a literatura da Irlanda e do mundo.

O que mais interessa neste ensaio com relação à obra de Yeats é a forma como, inserido em um contexto histórico de dominação imperial da Inglaterra sobre a Irlanda, Yeats constrói uma forma particular de nacionalismo. Especificamente, irei analisar como esse nacionalismo pode ser observado na análise de um conto de fadas de sua autoria.

Em seu artigo sobre Yeats, “Yeats e a descolonização”, Edward Said define o nacionalismo da seguinte forma:

A força mobilizadora que se aglutinou como resistência contra um império exterior de ocupação, por parte de povos que possuíam uma história, uma religião e uma língua comum². (SAID, 1995, p.281-282)³

Esta definição, embora breve, nos ajuda a situar Yeats, já que muito de sua obra e de sua vida girou em torno de promover o nacionalismo e a independência irlandesa. Nas palavras de Said, Yeats seria um:

Poeta *nacional* de inquestionável grandeza que, durante um período de resistência antiimperialista, expressa a vivência, as aspirações e a visão restauradora de um povo sob o domínio de uma potência externa (SAID, 1995, p.278, ênfase no original).

¹ Bacharel em Letras Inglêss, Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: joaospin@gmail.com.

² Os verbos “aglutinou” e “possuíam” poderiam ser “aglutina” e “possuem” respectivamente, para fins de definição, já que o nacionalismo ainda exerce uma influência ativa sobre a sociedade.

³ Originalmente publicado em 1993.

A forma como Yeats constrói o seu nacionalismo é através do âmbito da linguagem poética (juntamente com sua atuação política). Assim como notoriamente Benedict Anderson salienta o aspecto *imaginário* da comunidade nacional (ANDERSON, 1983, p.22), nas palavras do próprio Yeats em *The Celtic Twilight* (1893), ele busca “demonstrar em uma visão algo da face da Irlanda para qualquer um do meu próprio povo que olhar onde eu os peço.” (YEATS, 2011, p.3). Essa premissa de Yeats pode ser dividida em três movimentos: (1) a transcrição de sua visão poética para a obra; (2) o pedido que ele faz ao povo irlandês, com relação ao foco que ele propõe; (3) o movimento do olhar do povo, que gera ação e engajamento político. Sem que haja um foco salientado, não há nacionalismo, e é nesse segundo movimento em que ele é construído a nível teórico, e no terceiro momento, no político. Yeats evidencia nesse processo a importância que dava à uma manifestação política de sua obra, ao contrário de se ater meramente à transcrição de sua visão artística.

Pode-se dizer que enquanto ferramenta *política*, o nacionalismo tem seu valor *poético*, já que um nacionalista consciente do aspecto imaginário de sua nação provavelmente não usaria a poesia para exaltá-la. O importante é a forma como Yeats faz isso, buscando no mágico e no sobrenatural uma Irlanda “acima do chão” e “apolítica” (SAID, 1995, p.286) É plausível considerar que o nacionalismo de Yeats tenha sido realizado com tamanho afínco que o desapego quanto a ele e sua irresolubilidade tenham-no escapado. Por um lado isso resulta em uma afinidade tardia do autor pelo fascismo italiano, e por outro lado a convicção profunda que gera tanta beleza em sua obra poética. Yeats deposita sua convicção tanto em sua nação, como no poder da arte. Segundo Seamus Deane: “Perceber a morte é ver a vida simultaneamente em termos pessoais e históricos; a confluência destes é a forma estética” (DEANE, 1985, p.135). A busca essencialista figura, dessa forma, tanto em seu nacionalismo quanto em sua poesia, de forma que os limites entre ambas categorias se confundem.

Said compara Yeats com Pablo Neruda quando traça um paralelo onde ambos retratam, cada um à sua maneira, um camponês. Para Said, essa personagem é um “homem anônimo do povo, que em sua força e solidão constitui uma expressão silenciosa *do povo*” (SAID, 1995, p. 293, ênfase no original). Ou seja, é um personagem que é um receptáculo exemplar do nacionalismo, o Irlandês por excelência. Yeats demonstra em outro momento que essa visão idealizadora enquanto poeta era mais do que ficção para ele, ao descrever a forma como vê o olhar do contador de histórias Paddy Flinn. Para Yeats, esse olhar tem “a melancolia visionária de animais puramente

instintivos e de todos os animais” (YEATS, 2011, p.6). Segundo Terry Eagleton, “A metafísica do nacionalismo fala da entrada em completa auto-realização de um sujeito unitário conhecido como o povo” (EAGLETON, 1990, p.28).

Tendo em vista isso, a afirmação de uma melancolia de projeções mágicas dentro do olhar de um camponês contador de histórias é uma inspiração poética que tem serventia (apesar de seu perigo) política na reiteração do nacionalismo: o triplo movimento de Yeats, de conceber a visão, chamar atenção a sua especificidade e a resposta política do povo.

Relembrando a ênfase de Said, Yeats é um autor *nacional*, já que dedicou a sua vida e a sua obra a sê-lo. Como tal, creio que seu trabalho como folclorista serve ao propósito do nacionalismo, ao visitar as histórias de seu povo em busca daquela realização primordial de uma essência. Vladimir Propp reconhece a priori como um desafio para chegar a uma definição geral de folclore que o mesmo é um quase sempre estudo nacional (PROPP, 1997, p.5)⁴. Isso evidencia que a difusão do folclore, especialmente no campo literário, tenha se dado, por alguns, com intenção nacionalista. Propp define o folclore como uma manifestação camponesa (PROPP, 1997, p.5) Dessa forma, talvez seja adequado à busca de uma identidade nacional, um sujeito-povo, que esse sujeito seja um camponês, ou uma camponesa, assim como Paddy Flinn, o contador de histórias a quem Yeats tinha tanto apreço e fascínio.

2. Uma Leitura de “Jamie Freel e a moça”

A categoria utilizada para a leitura do nacionalismo de Yeats em sua obra será especificamente o conceito de intraduzibilidade, conforme lido em Susan Bassnett (BASSNETT, 2005, p.54-59)⁵. Segundo Bassnett, existem duas formas de intraduzibilidade: a gramatical, cujo sentido é claro, ou seja, aquilo que por viés das diferenças entre a LF (língua fonte) e LM (língua meta) não pode ser traduzido, bem como a intraduzibilidade cultural, cujos limites são tão difusos e difíceis de definir como o próprio conceito de cultura já o é (BASSNETT, 2005, p.55).

⁴ Originalmente publicado em 1984.

⁵ Originalmente publicado em 1991.

O conto que irei analisar neste ensaio se chama “Jamie Freel e a moça⁶”. O conto pertence ao livro *Fairy Tales of Ireland* (1990), uma compilação feita por Neil Philip, a partir de dois outros volumes de Yeats, *Irish Fairy Tales* (1892) e *Fairy and Folk Tales of the Irish Peasantry* (1888).

O conto “Jamie Freel e a moça” contém passagens de diálogo em que o Inglês utilizado sugere um sotaque irlandês⁷ através da grafia, algo que é intraduzível ao Português. Abaixo, apresento alguns desses momentos de diálogo, em sua forma original e o correspondente em Inglês com a grafia da norma culta, bem como a forma como traduzi:

Dinna be sae venturesome an’ foolitch, Jamie (YEATS, 2019, p.34)
Do not be so venturesome and foolish, Jamie
Não seja tão aventureiro e tolo, Jamie

I maun gae (1984, p.34)
I am going to go
Eu irei

How can a lady eat we’er poor diet, and live in we’er poor way? I ax
you that, you foolitch fellow (2019, p.36)
How can a lady eat with our poor diet, and live with our poor way?
I ask you that, you foolish fellow.
Como pode uma moça comer com nossa dieta pobre e viver do nosso
jeito pobre? Eu te pergunto isso, rapaz tolo.

Fica claro nos exemplos acima que tratei essas diferenciações de grafia sem assumir uma tentativa de traduzi-las de alguma forma. De acordo com essa compreensão, considereei minha tradução a partir de uma grafia comum dos trechos em questão.

No caso dessa alteração de grafia, o texto resultante se insere na categoria de intraduzibilidade linguística, assim como também se inclui da categoria de intraduzibilidade cultural, já que a grafia faz alusão à pronúncia irlandesa³. O sotaque, portanto, é perdido na tradução, e com ele, parte da *irlandidade* (termo de Said) que ele ajuda a reiterar. Quiçá as alterações de grafia pudessem ser substituídas por um correspondente brasileiro, um sotaque *caipira*. Essa solução traria uma ênfase à

⁶ Tradução realizada por mim. O livro de Yeats contém dezenove contos e um poema. Traduzi uma seleção de dez contos e o poema, em trâmite de ser publicada. O restante dos contos fará parte de meu projeto de Mestrado.

⁷ Sem dúvida seria interessante esmiuçar a grafia com relação ao sotaque de um ponto de vista linguístico, mas isso ficaria fora da alçada deste ensaio.

categoria social dos personagens em questão, sendo eles camponeses, porém não solucionaria a ausência da irlandidade. A mesma Ela seria substituída por uma potencial brasilidade. Eu não me senti atraído por essa possibilidade, justamente por compreender a importância particular do sotaque irlandês para Yeats, dentro do que foi dito aqui anteriormente a respeito de seu nacionalismo em seu contexto histórico. Essa possibilidade de tradução ilumina uma questão interessante na qual pretendo me aprofundar: o ponto de cruzamento entre a irlandidade e a categoria social do camponês.

Dentro do conto, as alterações de grafia acontecem nos diálogos entre Jamie Freel e a mãe, nas falas de Jamie Freel com as fadas, nas falas das fadas e nas falas do criado da casa da moça, porém não ocorrem nas falas da moça nem dos pais dela. A mãe de Jamie Freel possui diálogos somente com ele, enquanto Jamie fala com as fadas e com a moça. A moça é de uma classe social elevada, a qual se torna o trunfo final do conto a ser alcançado através do casamento. Essa ausência de interação entre a mãe e os outros personagens, com exceção de Jamie, pode ser caracterizada como uma espécie de isolamento social. O fator de isolamento social da mãe de Jamie e o seu sotaque carregado não são acidentes, são demarcações de sua classe social.

Além do isolamento social da mãe, existem outras demarcações de sua classe social, bem como a do filho, e o mérito que possuem para, num momento posterior, receberem a ascensão social como recompensa. Na fala da mãe citada acima, quando ela coloca ênfase na forma pobre como ela e seu filho vivem (YEATS, 2019, p. 36). No desapego material demonstrado pelo filho e pela mãe. Na descrição de Jamie ao deixar suas riquezas no colo da mãe (2019, p.31). No desprendimento da mãe ao emprestar seu melhor vestido à moça (2019, p.37). Nos esforços redobrados de Jamie em trabalhar e prover para as duas mulheres (2019, p.37). Na ênfase que é dada a esse esforço redobrado, quando a moça conta para os pais da ajuda que Jamie lhe ofereceu (2019, p.40). Quanto mais se aproxima dessa caracterização de pobreza, epitomizada pelas interações de Jamie com sua mãe, mais intenso se torna a alteração da grafia, que, por sua vez, enfatiza o sotaque irlandês. Dessa forma pode-se inferir que quanto mais pobre a situação das personagens, mais marcadamente irlandeses são, pois reiteram o mito do sujeito-povo. Claro que para afirmarmos isso, temos que estar cientes de que a norma culta do Inglês, bem como de outras línguas, é um sinal da língua do colonizador. Ou seja, aquilo que está mais próximo do povo está mais distante do colonizador. O colonizador dessa forma representa elite, que por sua vez, tendo acesso a uma educação formal, faz uso da norma culta.

3. Reflexões

Creio que seja importante salientar que as categorias de classe, enquanto possam ser utilizadas como formas de compreender e navegar a realidade, também podem ser excessivamente reducionistas e, por esse motivo, devem ser constantemente questionadas. Dessa forma, pode-se até ver nesse camponês que Yeats idealiza, um camponês que tem um valor elevado, e nessa elevação de seu valor, distancia-se da categoria de sua classe social, e se torna um ideal a ser defendido por uma classe média que não possui essa “exaltada simplicidade”, ou mesmo uma aristocracia com a autonomia para se apropriar do nacionalismo como ferramenta de tomada do poder. Essa manobra política justificaria a defesa da figura do camponês enquanto sujeito-povo, em sua forma idealizada. Dessa forma, o povo é enaltecido para o benefício de um grupo fechado e sempre limitado de privilegiados. A nação “é uma construção simbólica e principalmente a criação de *intelectuais*”⁸ (GENTILE, 2003, p.2, minha ênfase). Intelectuais, ou seja, aqueles que habitualmente tem acesso a uma boa educação. Isso gera uma contradição onde o sujeito-povo é o camponês, mas não é o camponês que fala e decide pelo povo: o conflito de classes.

Existe aí portanto o levantamento de um conflito de classes, entre o intelectual, que usa fala sua norma culta do Inglês, impõe seu jugo sobre o povo irlandês, e o irlandês camponês repleto de humildade e uma profunda melancolia inocente. No entanto, essa visão simplista começa a ser questionável quando compreendemos Yeats como um Irlandês falante de Inglês como língua materna que defende a Irlanda de seu dominador através da alta cultura literária e poética e sendo ele também, um intelectual. O conflito de classes é difícil de ser sustentado isoladamente, porém, assim como tantas categorias identitárias, é em sua natureza uma confabulação instável que tem consequências reais. Talvez a máxima pretensão deste ensaio nesse caso seja assumir que Yeats idealizava o seu homem do povo, e que essa idealização pode ser (conforme já foi) lida em um conto de fadas de sua autoria, e sustentada pelo seu relato pessoal e seu ímpeto de agente que se propõe a fazer o registro dessa riqueza imaterial. Dentro de um contexto nacionalista, a consolidação dessas histórias em textos literários faz o triplo movimento de Yeats: efetua uma celebração de um aspecto reificado do povo para que

⁸ Gentile, a quem eu trago à baila nessa citação, também aponta que o nacionalismo não necessariamente está associado ao fascismo, mas por si não pode ser visto com um valor do “mal” ou do “bem”. (GENTILE, 2003, p.2).

este gere seu reconhecimento pelo povo e crie um senso mais poderoso de identidade nacional.

Para um Irlandês, o conhecimento da lenda pode preceder sua versão literária, a familiaridade com os locais e com os feitos podem tornar a história mais cotidiana. Para uma tradução, todo esse elemento cultural é perdido, e em seu lugar, fica saliente o elemento fantástico dos contos. Uma exemplificação prática desse fenômeno está na própria tradução do termo alemão *Märchen* para o inglês *Fairy Tale* (conto de fada). Conforme salientado por Vito Carrassi, essa tradução não é compreensiva, pois nem sempre os contos de fada contém, de fato, fadas (CARRASSI, 2012, p.38). No original dos contos, as fadas não são assim tão incomuns, enquanto na sua tradução são seres exóticos, e portanto, salientados na tradução do termo.

Para concluir, devo salientar a capacidade do processo tradutório em elucidar questões a respeito do texto que não estariam evidentes, bem como alterar a forma como historicamente os textos são percebidos. Se este ensaio trouxe pouca contribuição com relação ao estudo de Yeats, seus contos de fada e seu nacionalismo, que, ao menos ele assuma e demonstre o valor de assumir a posição de tradutor de um texto, e o que isso transforma em sua análise e interpretação.

Pode parecer uma observação óbvia a necessidade de compreender o contexto de determinadas verdades e perceber suas instabilidades. Por um lado, Yeats cria uma obra de valor, em parte pautada por sua crença no nacionalismo, cuja força se torna atraente dentro de um contexto histórico colonial onde é uma forma de se defender do abuso de um poder imperialista. Essa negociação do sujeito nacional, bem como a idealização do sujeito-povo são indissociáveis de seu contexto e quiçá até mesmo consequências *comuns* da tensão política em questão, como nos confirma Said:

Para o nativo, a história de servidão colonial é inaugurada com a perda do lugar para o estrangeiro; a partir daí, ele precisa buscar e de alguma forma recuperar sua identidade geográfica. Devido à presença do estrangeiro colonizador, a terra, a princípio, só é recuperável pela imaginação. (p. 284).

Por último quero dizer, que se presumi alguns fatos e reflexões aqui a partir de minha própria voz, foi devido à complexidade do tema, que exige estudos mais aprofundados que espero poder desenvolver no futuro em meu mestrado e em outras pesquisas.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Benedict. *Imagined communities: Reflections on the origin and spread of nationalism*. Londres: Verso, 1983.
- BASSNETT, Susan. *Estudos de Tradução*. Tradução de Sônia Terezinha Gehring et. al. 4a Ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.
- CARRASSI, Vito. *The Irish fairy tale - a narrative traditional from the Middle Ages to Yeats and Stephens*. Translated by Kevin Wren. Plymouth: John Cabbot University Press, 2012.
- DEANE, Seamus. *Celtic revivals*. Londres: Faber and Faber, 1985.
- EAGLETON, Terry et. al. *Nationalism, colonialism and literature*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1990.
- GENTILE, Emilio. *The struggle for modernity - nationalism, futurism, and fascim*. Westport: Praeger Publishers, 2003.
- HOLDEMAN, David. *The Cambridge introduction to W. B. Yeats*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- PROPP, Vladimir. *Theory and history of folklore*. Translated by Ariadna Y. Martin e Richard P. Martin. 4a Ed. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997.
- SAID, Edward. *Cultura e imperialismo*. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- YEATS, William Butler. *Fairy tales of Ireland*. Org. Neil Philip. Londres: Harper Collins Publishers, 2019.
- YEATS, William Butler. *The celtic twilight*. Public Domain Books, 2011.